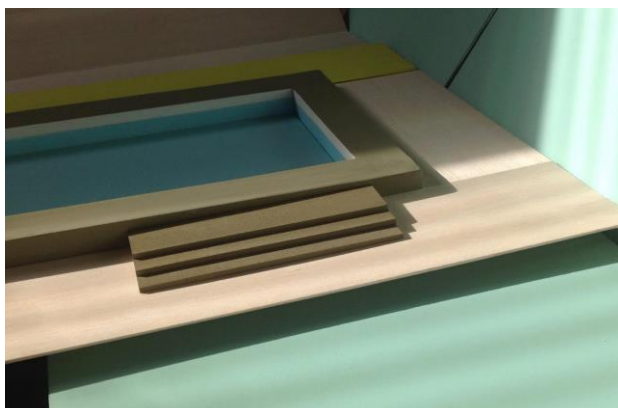
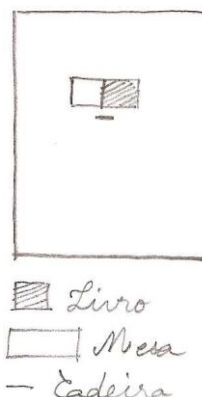


COMUNICADO DE IMPRENSA // GALERIA CAROLINE PAGÈS



Raija Malka, Model for 'Torment', 2015



Raija Malka

While the city sleeps

Thierry Simões

Vision of a path knowledge felt all around

Inaugura Sábado, 26 de setembro das 17 às 20 h

26 de setembro – 18 de novembro, 2015

Galeria Caroline Pagès

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa, Portugal

T [+351] 21 387 33 76

M [+351] 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Aberto das 15h às 20h, de Terça-feira a Sábado, e por marcação.

Dois suspiros, duas nostalgias

Na hospitalidade de quem convida deveria estar implícito o risco de ser expulso da sua própria casa. Esta será porventura uma solução para as crises migratórias que se vivem actualmente. O reverso é a "hostipitalidade", neologismo cunhado por Jacques Derrida para designar as perversões inerentes ao processo de acolhimento de alguém que chega de fora. Há rasteiras intoleráveis, essa hostilidade que entra pelos olhos dentro, mas existe também quem acolha incondicionalmente, fora-da-lei, quem chega. Não se deve pedir a identidade a um desconhecido, ele deve ser recebido de braços abertos, sem perguntas, sem demoras. Um abrigo é tudo aquilo que é necessário a esta política sem fins.

Há uma gravura de Thierry Simões que foi iniciada no Canadá há mais de quinze anos. Não a vamos descrever, porque ela é indecifrável, mudou com o tempo, vezes sem conta. Desenho sobre cobre, onde num emaranhado de figuras se entrevêem dois maqueiros. Imagem de um acidente, de uma guerra, de um momento em que tudo se salva. As diferentes provas de estado desta obra mutante constituem provas de vida: podem vislumbrar-se diferenças, hábitos alterados, mudanças meteorológicas. Há dias de sol, aguaceiros, chuvas intensas, nevoeiros e tempestades. Palavras para ler: entre a hospitalidade e o hospital não existe assim tanta distância. Existe ainda o hospício: hospitality hospital hospice.

Dez gravuras feitas a partir da matriz original: 1999-2015. São trabalhos únicos. hospitalité hospital hospice. Derrida, Deleuze e Foucault. As leis da hospitalidade, da crítica e da clínica: as vidas de homens infames, vadios, sem-papéis. Nestas paisagens descritas por Thierry Simões há dois maqueiros, que não

têm mãos a medir desde há mais de quinze anos. Tentam salvar vidas entre um emaranhado de riscos. Lembramo-nos de uma outra série: os "Desastres de Guerra", de Goya. Na estampa 24, com a legenda "Aun podrán servir" (1810-1814) vêem-se maqueiros a transportar um ferido. Um deles olha para nós, de frente. À sua volta recolhem-se outras vítimas, supostamente com o objectivo de voltarem novamente para o campo de batalha.

"Vision of a path knowledge felt all around" é o título dado pelo artista a esta apresentação dos seus trabalhos. A frase foi inscrita sobre a placa de cobre em 1999, quando o artista esteve em residência em Halifax, na Nova Escócia, no Canadá. (No impulso da escrita aconteceu uma gralha, "fall" em vez de "felt." O que tornaria a frase mais próxima de Goya e dos seus desastres: "Vision of a path knowledge fall all around.") Os duplos sentidos são constantes na obra de Thierry Simões. A partir dos seus exílios, das suas línguas, não só a materna e a paterna, mas também a de um lugar de acolhimento, que pode ser a do ateliê, ele forma uma obra intraduzível: "Je voudrais mettre l'accent sur l'espace où sera déposé pour être consulté le livre de gravure, le plan de la salle marquant l'emplacement de la table – et du livre – le plan faisant selon mon idée écho au titre. Mais il y a aussi le fait de l'image qui évolue dans le temps sans se fixer sur aucune et l'on dirait que l'image gravée est les 10 images gravées et l'espace vide qui les sépare..."

Um caminho do conhecimento sentido por todo o lado, a toda a volta. Seguindo a gralha, essa via do conhecimento acaba por desabar à nossa volta – traduzir é trair e nessa passagem entre duas línguas tantas vezes se perdem os sentidos. Há diferentes provas: entre a gravura de Goya e as gravuras de Thierry nada mudou. A testemunha continua lá a olhar para nós. Os maqueiros emaranham-se na paisagem. Seguem o seu trajecto. O de um saber que pode desmoronar-se a qualquer instante. O título ecoa numa gravura, na planta de uma sala, num texto escrito. A matriz original ainda pode servir. E nessa constante revisitação chega-se sempre ao momento original, irrepetível. As dez imagens gravadas contêm em si o espaço e o tempo que as separa. O autor trai constantemente o seu primeiro impulso, como se existisse uma necessidade de reparar esse instante que não cessa de fugir. Talvez seja essa traição que o faça aproximar-se dessa ausência, dessa morte, que é repetida, amontoada, num emaranhado de riscos em permanente desenraizamento.

Há uma pergunta que se inicia com uma constatação, a da ligação indefectível entre o maternal e a morte. A questão, colocada por Anne Dufourmantelle, é: "Podemos esquecer a própria língua, porque ela traiu, como esquecemos os nossos mortos?" Resposta de Derrida: "Trata-se de perguntar aquilo que se passa na morte do estrangeiro quando ele repousa em terra estrangeira; sabe que os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os nómadas têm em comum dois suspiros, duas nostalgias, os seus mortos e a sua língua..."

E é no corredor da galeria que Thierry Simões procurou o encontro com Raija Malka. Nesse espaço surge uma cadeira vazia, que prolonga os vazios visíveis nas pinturas da finlandesa. Dois textos propõem-se uma acção: "Visualiza-se um lençol depositado numa cadeira. Desdobra-se." e "Visualiza-se um lençol depositado numa cadeira. Dobra-se." Há uma ausência e a imagem proposta é a de uma mortalha, que também nos transporta para os "Desastres", de Goya. E para os corpos que se amontoam em pilhas.

O impulso inicial de colocar em diálogo as obras de Thierry e de Raija deveu-se a uma certa ideia de suspensão que surge nas obras de ambos. Essa intenção foi superada pelas circunstâncias de um processo que passou menos pelo diálogo entre os artistas e mais pela afirmação das suas solidões. Esse desejo de uma conversa perde-se nesse corredor, nessa passagem que dá acesso a todas as salas. É por aí que se entra e sai nas obras. Sejam nas gravuras, nos textos ou nas pinturas expostas.

Poderiam ser outros os motivos que levaram a unir estes artistas num mesmo momento: o do teatro, por exemplo. Nos trabalhos de Thierry e de Raija este é um elemento comum: as suas obras contêm elementos que poderiam ser utilizados como adereços de uma peça ou de uma performance. Isso já sucedeu com ambos os artistas. Outro assunto partilhado é o da ausência. E podíamos ainda acrescentar a insónia. Sabe-se que Samuel Beckett sofreu deste distúrbio toda a sua vida e, a partir dos anos de 1930, começou a ter ataques de pânico, sobretudo quando estava só, no seu quarto, ao entardecer.

As pinturas de Raija Malka são unidas pelo título "While the city sleeps." Uma das obras chama-se "Last pair out". A pintura volta a revelar, como em muitas outras obras, a obsessão da artista com a arquitectura, especialmente com os cantos, esse lugar de encontro de dois lados: trata-se de uma representação onde planos de cor confluem para uma esquina, revelando um espaço que apesar de poder ser definido, tende para a abstracção, pois paradoxalmente ele escapa a uma definição, dado ser impossível de encontrar uma referência real adequada para o descrever. A imagem proposta parece assim suspensa num limbo, como que à espera de ser materializada numa maquete, num cenário ou numa sala de exposições, como já aconteceu com outros quadros desta autora – há elementos presentes nas obras que foram depois transformados em esculturas, ganhando nessa passagem uma fisicalidade que já não é só a da pintura, mas também a de um procedimento crítico: a do "mise en abyme."

Uma peça dentro de uma peça. Um trabalho dentro de um trabalho. As pinturas de Raija Malka são arquitecturas e esculturas em potência. São palcos e também abrigos. Numa das obras que dá o título à sua exposição não é possível deixar de observar um eclipse solar, fixado a um proscénio, para que a luz nunca retorne à cena. Nestes lugares da solidão – quartos de hotel, piscinas, poços –, nestes ecrãs onde tudo é passível de ser projectado, nestes trabalhos em devir abstracção, tudo tende para um canto, espaço de “Confissões privadas”, como é nomeada uma outra tela. Destes abismos, palavra com origem no grego “sem fundo”, que se dobram e desdobram ecoam as tradições da arte abstracta e minimal, do teatro do absurdo, do “novo romance.”

Na origem da locução “mise en abyme” está André Gide, que, em 1893 e a propósito do Hamlet, de Shakespeare, escreveu: “Gosto bastante que numa obra de arte se encontre assim transposto, à escala dos personagens, o próprio assunto dessa obra.” E se na obra de Raija Malka o vazio é a imagem desse abismo, ele também pode ser visto como um lugar de todas as possibilidades. Ali também cabe esse apelo ao mais difícil dos desafios: o da hospitalidade. Enquanto a cidade dorme, lê-se: “As saudades fazem-nos avançar, aproximam-nos do fim do mundo, as saudades do que é, do que foi, não são as mesmas, sim, são as mesmas, não se sabe, não se sabe o que se passa, o que se passou, talvez sejam as mesmas, as mesmas saudades, transportam-nos para o fim das saudades.”

Óscar Faria, Porto, Setembro de 2015

Raija Malka (FIN, n. 1959) vive e trabalha em Lisboa e Helsínquia. Licenciou-se na Escola de Artes, Design e Arquitectura da Universidade de Aalto em 1985, e foi artista residente na Cité Internationale des Arts em Paris entre 1991 e 1997.

Das suas exposições individuais destacam-se *Gymnasion*, comissariada por Isabel Carlos, Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2013); *Waiting for Godot*, Teatro São Luiz, Lisboa (2013) e Teatro Municipal de Almada (2012); *Tidelines*, Borusan Music House, Istanbul, TUR (2012) e Kiasma – Museum of Contemporary Art, Helsínquia (2011); and *Lisbon Story*, Ama Gallery, Helsinki (2012). Participou ainda em muitas outras exposições em instituições como o Amos Anderson Art Museum, Helsínquia; Kunsthalle, Helsínquia (2000), e o Lönnström Art Museum, Rauma, FIN.

O trabalho de Malka está representado em diversas colecções públicas, entre as quais as do Helsinki Design Museum; Turku Art Museum, FIN; Sampo, Turku, FIN; Château de l'Abbaye, FR; Comissão Nacional de Arte da Finlândia; Saastamoinen Foundation, FIN; Helsinki City Art Museum e do Amos Anderson Art Museum, FIN.

Thierry Simões (FR, n. 1968) vive e trabalha em Lisboa. O seu trabalho foi exposto regularmente em espaços como o Sismógrafo, comissariado por Óscar Faria, Porto (2014 e 2015); o Centro de Artes José de Guimarães, comissariado por Nuno Faria, Guimarães (2013 e 2012); e a Galeria Quadrado Azul, Lisboa e Porto. Foi ainda exposto em instituições como a Fundação Carmona e Costa, Lisboa (2013); e o Museu da Cidade de Lisboa (2009).

O seu trabalho está representado em diversas colecções públicas como a Madeira Corporation Services, Funchal; Fundação Carmona e Costa, Lisboa; OTR espaço de arte, Madrid, entre outras.

Com o apoio de:



Para mais informação e imagens é favor contactar a Galeria Caroline Pagès pelo 21 387 33 76 ou 91 679 56 97 ou galerie@carolinepages.com.